

OS ESCRITOS REUNIDOS DO ANTROPÓLOGO E OBÁ VIVALDO DA COSTA LIMA

LIMA, Vivaldo da Costa. *Lessé Orixá – nos pés do Santo*. Salvador: Corrupio, 2010. 320 p.

Vivaldo da Costa Lima (1925-2010) pertence a uma geração de professores pré-Currículo Lattes para a qual a titulação e a produção dos últimos cinco anos ainda não eram as únicas fórmulas de aferição de conhecimento e competência. Nem mesmo doutor chegou a ser, o que não o impediu de ser aclamado como professor emérito da UFBA, instituição onde se aposentou, e se tornou o grande especialista nos estudos afro-brasileiros, sobretudo do candomblé baiano. Na verdade, parece ter assumido para si a máxima dos grupos religiosos que durante toda sua vida estudou e para os quais o conhecimento é fruto da inserção paciente da pessoa num sistema complexo de troca de valores, símbolos, sentimentos e visões de mundo. Vivaldo foi antropólogo e também obá (ministro) de Xangô do Axé Opô Afonjá, terreiro que a partir dos anos de 1930 tornou-se o principal centro difusor da cultura religiosa nagô e fez convergir ao seu redor artistas e intelectuais como Jorge

Amado, Carybé, Dorival Caymmi, Pierre Verger e Edison Carneiro, além do renomado sacerdote Martiniano Eliseu do Bonfim, que ajudou na instituição desse corpo de ministros.

A escolha da capa de “Lesse Orixá”, portanto, não poderia ser mais acertada: uma bela foto de Pierre Verger na qual vemos o pátio do Axé Opô Afonjá ao cair da tarde vazado por uma luminosidade oblíqua a construir vários planos de sombra e luz (segredo e revelação). Ao fundo, paira o salão de danças rituais (barracão) do terreiro em sua arquitetura simples de paredes caiadas de branco. Ao centro, dois coqueiros soprados pelo vento ladeiam dois homens (um branco, o próprio antropólogo vestido de branco, e um negro, Mestre Didi, vestido de preto) que parecem saídos do barracão a caminhar e conversar. O subtítulo, “Nos pés do Santo”, tradução da expressão iorubá do título, reforça a ideia do lugar de onde o autor irá nos falar: somente quem, por décadas, ao pé do santo se debruçou e

observou o debruçar de outros, pode se arriscar a interpretar os sistemas de obrigações, hierarquias, poder, parentesco, organização social, enfim, elementos da religião dos orixás, na qual a natureza mitificada em árvores, folhas, águas, ventos e pedras joga luz e mistério sobre o humano, como na foto de Verger.

Conta-nos o texto da contracapa e da Nota Editorial que o livro faz parte de um projeto, celebrativo dos trinta anos da Editora Corrupio, de publicação das obras completas do autor, que inclui a reimpressão de seu mais conhecido trabalho: *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia* (edição xerográfica de 1977, pela UFBA, e 2ª edição de 2003 pela própria Ed. Corrupio); um livro sobre a culinária ritual, *A comida de santo numa casa queto da Bahia*, resultado de suas entrevistas coletadas nos anos de 1960 com Olga do Alaqueto, que assina a autoria do texto, cabendo a Vivaldo a introdução e as notas explicativas que constituem praticamente um “livro dentro de outro”; e a coleção “Ephêmera” (grafado com um efêmero “ph”), assim chamada pelo fato de reunir escritos “feitos para durar um dia”. Desta coleção provém *Lesse Orixá - nos pés do Santo* e *Anatomia do acarajé e outros escritos*, ambos de 2010. E não deixa de ter um travo amargo o fato deste ativo antropólogo aposentado (mas não “inativo”, como ele costumava dizer) sair de cena exatamente quando sua obra reunida chega ao grande público.

mava dizer) sair de cena exatamente quando sua obra reunida chega ao grande público.

Lesse Orixá reúne dezenove textos escritos entre 1959 e 2003 com finalidades diversas: para serem publicados como artigos em jornais de notícias e revistas científicas, como capítulos de coletâneas, como parte de livro organizado, como prefácio de revista e como fio condutor para aulas, palestras, conferências e outros encontros. Alguns destes têm, portanto, o sabor dos textos feitos para serem lidos e deixam entrever a força da oratória e a seriedade do método de trabalho que tanto marcaram o estilo e a personalidade do autor.

Os textos foram elencados segundo as datas de sua produção, abstenendo-se, assim, a editoria de fornecer um quadro geral, ou mesmo uma organização temática, que pudesse servir de eixo estruturador da obra. Cabe ao leitor, na ausência de justificativa pela escolha destes textos e não de outros, realizar sua própria síntese. Faço a minha.

Os textos escritos na década de 1960 mostram o resultado de um período anterior de formação do pesquisador que culminaria com sua dissertação de mestrado, escrita em 1971-72. Seus interesses temáticos e metodológicos se entrelaçam entre três campos fronteiriços: os estudos etnolinguísticos, socioantropológicos e etno-históricos.

No primeiro deles, a chave da “língua do santo” (falada pelos frequentadores dos terreiros com elementos linguísticos advindos dos grupos africanos escravizados no Brasil) permitiu ao autor refletir sobre o candomblé baiano em termos do uso da língua iorubá na formação de modelos de culto legítimos. É sintomático, pois, que o próprio livro tenha um título em iorubá e quase todos os textos deste período abordem a dimensão linguística de forma incidental ou principal, como em “Afoxé: auto lúdico-religioso”, “Notas sobre a transcrição da língua iorubá” e “Africanismos de origem iorubá no português do Brasil”.

Vivaldo viveu as primeiras décadas de sua vida no período de consolidação do Ilê Axé Opô Afonjá. O modelo de candomblé nagô (se é que é possível falarmos em “modelo”) praticado neste terreiro, após o Congresso Afro-Brasileiro da Bahia (1937) e sob a liderança de Mãe Senhora (1942-1967), passou a ser cada vez mais saudado por lideranças e intelectuais influentes, projetando-se nas três décadas seguintes, conforme mostra o autor em “O candomblé da Bahia na década de trinta”. Vivaldo fez parte deste grupo de intelectuais que transitou entre a África e o Brasil e se interessou pelas permanências existentes entre o culto aos orixás nas duas margens do Atlântico. Os artigos escritos no final dos anos de 1960

e nas duas décadas seguintes mostram sua familiaridade com o mundo dos principais terreiros baianos. É desse período os clássicos artigos “Os obás de Xangô” e “O conceito de nação nos candomblés da Bahia”, frutos de pesquisa realizada no âmbito do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia, fundado em 1959, e do qual Vivaldo foi por vários anos diretor. Entretanto, estas pesquisas, baseadas em entrevistas, observação de campo e uso de teorias socioantropológicas, permitiram ao autor produzir uma visão mais crítica em relação aos sentidos das próprias permanências no candomblé. Em vários escritos apontou as mudanças que ocorriam nesta estrutura ritual (no tempo de recolhimento para iniciação e nas consequências da inserção do candomblé no mundo urbano, por exemplo), produzindo uma crítica aos “africanismos”. Sua concepção de nação no candomblé como uma identidade grupal religiosa, e não necessariamente relacionada a uma possível origem étnica “real” de quem a professa, mostra seu senso crítico e o necessário distanciamento teórico. Não restringia com isso, entretanto, a importância da agência das lideranças religiosas na elaboração dessa identidade. A análise da ação de figuras como Mãe Aninha, Senhora e Martiniano do Bonfim para a legitimação destes modelos de culto continuou sendo

uma tônica de seus trabalhos até em escritos mais recentes da década de 1990 e dos anos 2000, como mostra o artigo “Aninha e os obás de Xangô”, conferência proferida durante o Alaiandê Xirê, encontro de religiosos e intelectuais ocorrido no Axé Opô Afonjá em 2003.

Ressalta, ainda, da leitura do conjunto de textos o permanente interesse de Vivaldo pelo campo da etno-história. Seus artigos “Ainda sobre a nação queto”, “Candomblé no Centro Histórico” e “Festa e religião no Centro Histórico” são alguns exemplos desse interesse.

Ao enfatizar este campo como uma chave importante para balizar as informações coletadas no âmbito da tradição oral, de certo modo ele aludiu à necessidade de investimentos em ampla pesquisa documental que hoje vem sendo realizados com bastante competência por um conjunto de pesquisadores que tem patrocinado uma verdadeira renovação intelectual nos estudos afro-baianos, como João José Reis, Jocélio Teles dos Santos, Luis

Nicolau Parés, Angela Lühning, Lisa Earl Castillo, entre outros.

Outro aspecto interessante ao ler o conjunto dos textos de Vivaldo é ver seu método de trabalho em ação, sua revisão constante do próprio material etnográfico e sua sempre disposta correção de informações quando julgava necessário. Além disso, sua perspectiva do conceito de nação no candomblé também merece continuar figurando no debate antropológico sobre os sentidos da diáspora africana e a contrapor, assim, as leituras mais recentes sobre este termo e seus significados políticos e identitários.

Por fim, uma nota sobre a relevância da coleção à qual pertence *Lesse Orixá*. Vivaldo, apesar de sua reconhecida personalidade polêmica e temperamental, encantava a todos por sua profunda erudição, memória e conhecimento dos temas sobre os quais falava, o que não significava, apesar dos protestos dos leitores, uma ampla veiculação de seus trabalhos. “Ephêmera” permitirá que isso finalmente se corrija perenemente.

Vagner Gonçalves da Silva
Universidade de São Paulo